

## A INVENÇÃO DA PAISAGEM - AMAZÔNIA

Fernando Augusto

Texto publicado in “A Invenção da Paisagem”, Vitória: GSA Gráfica Editora 2014

01

Em 11 de janeiro 2012, embarco em um navio hospital da Marinha Brasileira para uma viagem de 13 dias subindo o Rio Madeira, de Manaus a Porto Velho. Acompanho o trabalho de atendimento médico que a Marinha presta à população ribeirinha, com o objetivo de fotografar e desenhar os diversos cenários amazônicos. O propósito é conhecer estas paisagens e exercitar uma prática muito presente em nossa cultura: a do artista viajante. Denominei o projeto de “*Desenhando as comunidades ribeirinhas com os Navios da Esperança*”<sup>1</sup>

02

Artista viajante é aquele que sai para ver, conhecer, desenhar, pintar, registrar o que viu, criar imagens de uma geografia distante, desconhecida, imaginada, falada e cuja produção, de cunho documental, comunica deslocamentos no espaço, descobertas de paisagens e tipos humanos. Ao embarcar eu me pergunto: como desenhar paisagem hoje? Que sentido tem hoje, ir até a natureza, aos lugares mais diversos para desenhar? Quais os pontos de contato entre esta viagem e as dos artistas viajantes de outrora que passaram por estas terras? Que possibilidades tem o desenho hoje, nesta senda que ele próprio ajudou a construir, de registrar e criar paisagens, face à fotografia digital e às novas tecnologias? Estas perguntas se desdobram em outras, infinitamente, às quais eu só posso responder bem desenhando.

---

<sup>1</sup> São navios de operações e de assistência médica, odontológica e hospitalar da Marinha Brasileira, baseados na Flotilha do Amazonas. Eles navegam pelos diversos rios do interior da Amazônia e do Pantanal, prestando ajuda às comunidades ribeirinhas, que se localizam nas margens dos rios. Realizam, ainda, palestras sobre prevenção de doenças, cuidados com higiene pessoal e com o preparo de alimentos e, devido a estes serviços são conhecidos pelos ribeirinhos como Navios da Esperança.

03

Descobri a floresta Amazônica em uma viagem à Manaus, em 2004, na ocasião, além de conhecer os arredores de Manaus, viajei de barco, durante três dias, até Santarém. O impacto foi tão grande que prometi voltar com o propósito de entrar mais na floresta, saber mais sobre ela, estar lá e, de “experienciar” aquela primeira sensação, a de algo paradisíaco, algo de um lado, perigoso, transbordante, imenso e, de outro, bonito, cativante, que me lembrava a origem do mundo. Certamente nada sei da origem do mundo, mas se alguma vez estive perto desta ideia ou pensei ter a noção do que este estado de origem poderia ser, foi passando pelo Rio Amazonas e sentindo seu volume e suas distâncias. Nesse primeiro momento a fotografia foi a companheira de viagem, o meio de registro do olhar; mas uma companheira infiel, diga-se de passagem, porque por mais que registrasse o que via, o resultado imagético era sempre distante do que vira.

04

Em 2011 viajei duas vezes à Manaus e nessas viagens passei a registrar minhas impressões em diários de bordo, trabalhando com aquarela, grafite, nanquim, incluindo pequenos textos descritivos da viagem e das minhas associações mentais. O desenho começou então a me apontar uma nova maneira de estar ali, de ver a floresta, de reinventá-la e de reinventar-me. Havia lido em algum lugar a frase de Goethe “Não viajamos para chegar, viajamos para viver” e ela martelava em minha cabeça essa possibilidade feliz de viajar para ver, para conhecer, para viver, para desenhar. Pessoas generosas abriram-me as portas: Mercia Preto, Otoni Mesquita, Carlos Navarro, Lula Sampaio, José Zamith e outros que me levaram a conhecer os arredores de Manaus, sobretudo, visitar, de madrugada, o mercado municipal, cuja energia, vitalidade, contradição e generosidade me impactaram profundamente. Vi peixes enormes e numerosos sendo carregados de mão a mão, trabalhadores infatigáveis da terra e do mar, em sua faina misteriosa de extração de alimentação da água e da floresta. Cheguei a me perguntar para onde tudo isso vai? Ali estavam os deliciosos peixes pirarucu, sambaqui,

tucunaré e outros que não saberia dar nome. Aliás, nomear é a mesma coisa que perguntar para onde tudo aquilo ia. Ali, sob uma neblina quase permanente da madrugada, entre os gritos dos vendedores e os passos ligeiros dos carregadores ouvi histórias da vida daqueles que passavam dias, semanas no rio/mar, que falavam de lugares e viagens sem nome e, que se eu quisesse ver e encontrar algum nome, teria que navegar. Um feliz encontro, ainda em Manaus, com a fotógrafa, paranaense Luciana Dalri me revelou o projeto da Marinha Brasileira: Navios da Esperança e o preâmbulo para esta aventura de desenhar, de anotar passagens da paisagem amazônica.

05

Na manhã de 11 de janeiro começa a viagem: Estação Naval Rio Negro, destino: Porto Velho, Rondônia, navio Carlos Chagas. Tudo é novo para mim, assim como o é para a tripulação um artista à bordo. O trabalho do médico, do enfermeiro, do dentista são compreensíveis, mas como explicar o papel do artista ali? A Marinha Brasileira, ao aprovar o meu projeto, aceitou colocar a questão. A tripulação, volta e meia, me pergunta qual é o objetivo do meu trabalho, para que eu desenho? A resposta é difícil porque não se trata de criar ilustrações para uma revista ou livro, e não estou ligado a nenhuma reportagem, documentário, denuncia ou coisa parecida. Este é certamente o tipo de resposta mais comum, a justificativa mais à mão. Eu digo apenas que desenho porque gosto de ver as coisas em desenho e que tenho como objetivo desenhar paisagens da Amazônia. O gostar parece não bastar, no entanto é isso que mais conta e, não me refiro somente ao desenho. Fica, portanto alguma coisa no ar. A resposta é sincera, eu não tenho um fim definido para os desenhos que farei e nem sei se sairão bons desenhos desta aventura. O fato de estar viajando e os diferentes lugares, de certa forma traçam um programa poético: a criação de desenhos de paisagens a partir do olhar sobre aquelas paisagens. A técnica é a do desenho de observação, a qual, ultrapassando o mecanicismo com que muitas vezes é tratada, se coloca como experiência. Ela cruza a tradição da figuração gráfica linear com a experiência do transitório e com a espontaneidade do ato de desenhar aqui e agora. Trata-se, de um exercício, como dizia Gombrich, que não precisa ser arte, mas nem por isso deixa de ser misterioso.

06

A paisagem aparece na história da arte ocidental com a pintura do artista florentino Giogiorne (1480-1510) *A Tempestade*, que promove um fato inédito na história da pintura: ele transfere a ação dos domínios da figura humana para o reino da natureza. O quadro, não mostra guerreiros ou heróis exercendo nenhuma ação, mas a natureza como ela se dá: cores, árvores, nuvens e um raio luminoso que atravessa o céu no fundo da pintura, chamando atenção para uma força maior do que a dos homens, por isso, as duas figuras que aparecem embaixo do quadro se tornam secundárias. O interesse maior é este cenário natural e exuberante. A arte renascentista, depois de ter inventado um conceito de representação da figura humana, começa aí a criar o de paisagem. Mas o que é paisagem? Heliana A. Salgueiro, em seu livro *Paisagem e arte* nos dá as bases para essa compreensão. Primeiramente, ela nos faz ver, com Alain Roger, que nunca existiu beleza natural; isto é, a representação da figura humana, da paisagem, das cenas religiosas, mitológicas etc. todas foram aquisições culturais, que segundo Roger podem, inclusive ser datadas. Sua tese é de que nossa experiência visual é formatada pelos modelos artísticos, isto é, que a recepção histórica e cultural de todas as nossas paisagens opera segundo uma “artistização”, quer dizer, nós vemos nossas paisagens depois delas se apresentaram sob forma artística. Temos a tendência a acreditar que a beleza de uma paisagem vem dela mesma, mas segundo Roger, nós aprendemos a ver belas paisagens pela elaboração da arte.

07

Logo nas primeiras horas de embarcado, começo a desenhar olhando a sombra da floresta que se delineia à margem do rio, os grandes barrancos e árvores que vão ficando para trás, juntamente com a cidade de Manaus. O

mesmo lugar fotografado não me desperta interesse, o desenho sim, um desenho, que por estar em trânsito é feito em pé, apoiado no corrimão do navio e com movimento das águas. Fico horas criando tons de cinzas, sensações de nuvens, de água e a silhueta da floresta no meio do papel. Começo riscando um tanto aleatoriamente, tentando encontrar algum objeto que possa encarnar esta viagem. Lembro-me do belíssimo desenho do artista paranaense Francisco Farias e da entrevista que ele me concedeu no Faxinal das Artes<sup>2</sup>, quando me falou que ‘paisagem’ é um conceito artístico, que toda paisagem é inventada e como ele passou a fazer isso com lápis e papel. Não cesso de me perguntar o que desenhar? Como desenhar? Gostaria de dar um passo à frente, mas vou um pouco para trás. Lanço mão de uma via tradicional, o desenho de observação ao natural, esquecendo-me da minha pintura e desenho individual, esquecendo-me, inclusive de qualquer propósito artístico. Vem-me à mente que observar a paisagem é observar algo além de mim, é sair de mim mesmo para ver algo maior e mais forte do que eu, e que esta é uma experiência válida: ver o que não posso, ver o que não dou conta. O desenho aqui é a maneira que disponho para realizar isso. Desenhando a paisagem, evito “falar-me”, como escreve o poeta João Cabral de Mello Neto, passo a falar das coisas, dos objetos e me encanto ao descobrir dobras, nervuras, texturas, volumes e formas no espaço e nas árvores de grande beleza; fico alheio e o desenho me interessa cada vez mais, mas ao final, eu me pergunto, juntamente com o próprio poeta: na seleção dessas coisas que olho e faço, não haverá uma fala de mim?

08.

No navio, alguns oficiais, ao me verem desenhando, dizem admirar a minha habilidade e paciência (nada sabem da minha ansiedade e impaciência), perguntam como é retratar uma paisagem usando somente o grafite e ficam admirados ao verem linhas e pontos ganharem formas de nuvens, de árvores, de água etc.. Assim tecemos rios de conversa. Eu também me pergunto sobre o sentido de desenhar e, talvez, por esta razão desenho o tempo todo: objetos,

---

<sup>2</sup> Evento artístico e cultural, nos moldes de uma residência artística, organizado por Agnaldo Farias, que, em 2001, reuniu na pequena vila de Faxinal do Céu, interior do Paraná, cerca de 100 artistas, curadores e críticos de artes para produção e debate da arte contemporânea.

peças, árvores, céu, chuva, etc. Encontro no desenho um elemento animador, que vitaliza o tempo e impulsiona a vida. Para desenhar estou aqui. Posso dizer que o desenho me trouxe à Amazônia. Fico horas e horas na proa do navio, olhando os reflexos da luz na água barrenta do Rio Madeira, percebendo sua força e tentando ver bem suas formas ondulantes que nunca se deixam capturar. O que é desenhar esta água que não é mais a mesma em um piscar de olhos, assim como as árvores, o céu, o ar? O exercício de delinear lentamente essas coisas, de observá-las me coloca de frente ao fenômeno da existência, o do instante em que se vive, o aqui e agora do nosso ser. E tudo isso me leva a pensar o desenho mais como vivência do que como representação. Ao ver uma casa, isolada da outra quilômetros e quilômetros na beira do rio, me vem a pergunta o que é morar aqui? Como essas pessoas vieram parar aqui? Ou como viemos parar aqui? Pois de lá para cá, os ribeirinhos devem fazer as mesmas perguntas: de onde vêm essas pessoas? Para onde vão? A história se dá no movimento, nada é estático. O aparecimento tem o mesmo peso do desaparecimento.

09

Visitávamos uma ou duas comunidades por dia, dependendo do tempo e da distância entre elas. São muitas, guardo os nomes de algumas: Arapuanã, Vencedor, Mariri, Bom Retiro, São Carlos, Bom Futuro, Água Azul, Barreiro do Tambaqui, Manicoré e outras. Em todas elas a Marinha é bem recebida e procurada, mesmo chegando sem aviso prévio, às vezes assustando os simples moradores ou mesmo deixando de atender doentes que, desavisados chegam ao posto atrasados. Em cada comunidade onde o pessoal do navio presta atendimento, desço para conhecer o lugar, as pessoas e também para fotografar e desenhar. Os ribeirinhos curtem ver os desenhos sendo construídos, os rabiscos estruturais se transformando em paisagem ou retratos e, todos se dispõem a posar para serem desenhados. Essas curtas sessões de modelo vivo nos diversos momentos da viagem são momentos de encontro, de conversa, de convivência através do desenho. Assim, em um clima descontraído, vou registrando árvores, crianças, homens e mulheres. De uma forma geral, eles se divertem com a situação e sorriem ao se verem retratados.

Escuto dos mais velhos, histórias da vida na floresta, dos jovens, sonhos, casos de luta e de trabalho, das crianças outros sonhos; muitas delas dizem querer ser “pessoal da Marinha quando crescer”. Fotografo e desenho uma moça com um olhar intrigante e penso: como estará ela daqui a cinco anos? Confesso que gostaria de fotografá-la de novo dentro desse tempo, seria possível? Ao me despedir, aceno para eles que nos observam do alto do barranco do Madeira com sentimento de amizade e de gratidão.

## 10

Na comunidade de Mariri, D. Gracinha, 66 anos, viúva, fala do marido que foi seringueiro; em Bom Retiro, “seu” Raimundo conta que, ao longo de cerca de 20 anos teve de reconstruir quatro vezes sua casa, buscando sempre um lugar mais alto em função das enchentes do Rio Madeira; em São Carlos converso quase toda a tarde com a família de Josimar. Fotografo e desenho membros da família dele. Ele e o vizinho me contam como têm sofrido com dor na coluna e me mostram os remédios para dor que foram buscar no posto de atendimento dos oficiais da Marinha. Digo a eles que também tenho problemas de coluna e que faço continuamente fisioterapia para agüentar firme; sorrimos e falamos desses exercícios, até que lhes proponho tentarmos fazer uma sessão de exercícios de fisioterapia ali, no alpendre da casa. Eles topam e fazemos uma divertida e trabalhosa seqüência de exercícios que, eles memorizam e prometem fazer. Combino de enviar-lhes as fotos que tirei deles<sup>3</sup>, mas ninguém sabe o endereço correto. Finalmente chega uma senhora com uma conta d’água, mimeografada e preenchida à mão e nos ajuda a resolver o problema. Eles me presenteiam com muitas frutas, mais do que posso carregar: castanha-do-pará, bananas, carambola, cupuaçu e uma bonita graviola. No navio, compartilho as frutas com os colegas. O cheiro, a maciez e o gosto da graviola transformam o ato de comer em celebração. Em um instante, sou

---

<sup>3</sup> Tão logo retornei a Vitória, seleccionei as fotografias que fiz dessa família, em tamanho 15x21 cm, imprimi e enviei para eles. Elas não foram devolvidas, mas fica sempre a pergunta, será que receberam mesmo?

transportado à minha infância, à doce lembrança de um perfume que eu julgava perdido, mas que sempre me acompanhou. À noite, o navio se move devagar, olho para a floresta escurecida e sei que os ribeirinhos estão lá.

11

O pouso de helicóptero no meio da floresta é um acontecimento extraordinário! Descemos devagar e podemos ver a vegetação agitar-se com o vento, as casas entre as árvores e as pessoas se movimentando lá embaixo. Assim chegamos à comunidade de Arapuanã, baixo Rio Madeira. São vários vôos para trazer o pessoal médico do navio para terra firme. É a primeira vez que vôo de helicóptero, curto a sensação, me perco em um misto de admiração e espanto. Em terra, fico observando o vai e vem da aeronave, vejo os rostos excitados das crianças, correndo para lá e para cá que assistem o mesmo espetáculo que eu. Mais tarde, em conversa com uma anciã da comunidade fico sabendo que quando se ouviu o primeiro barulho do helicóptero as crianças ficaram muito assustadas e foram correndo a ela, chamando-a para fugir, ao que ela respondeu: fugir para onde? Consigo fotografar um dos meninos que fica observando a aeronave pousar e decolar, e depois, sem medo, ele sai correndo atrás dela, de braços abertos, como se quisesse voar com ela.

12

Antes de começar a viagem eu me perguntava o que iria desenhar e como iria trabalhar a paisagem, afinal desenhar qualquer coisa passa por muitas escolhas. Por isso, meses antes, fiz vários exercícios de desenho de observação em parques, mas de certo modo, ao embarcar apresento-me, como um marinheiro de primeira viagem. Diferente da fotografia, cujo registro se faz de maneira rápida e sucessiva, com alguma garantia de boas imagens, o desenho pede tempo e se constrói errando; uma linha nunca sai reta, um círculo nunca sai perfeito; a mão precisa de ponto de vista, mas nunca dá ao olho o que ele espera, ela sempre promove uma diferença, uma surpresa; precisamos sempre sair do nosso lugar para chegar aonde o desenho está,



ainda que seja este o desenho que buscamos, simplesmente porque há sempre uma diferença entre o que queremos exprimir e o que se configura no papel. Alí se estabelece um coeficiente de satisfação e de insatisfação, como dizia Duchamp, que se atualiza todos os dias, a cada olhar, a cada observação.

13

Ao retornar da viagem aprofundo a experiência de desenhar paisagens em meu atelier. Às vezes trabalho com a impressão de que não regressei totalmente da viagem, que parte de mim ficou lá e, volta e meia me pergunto sobre essa parte de mim que lá ficou, e me ocorre perguntar: o que estaria ela fazendo? O que teria para me contar, se de repente nos encontrássemos? Intensifico alguns desenhos que havia apenas esboçado e crio outros bem maiores, com até três metros e meio de extensão. O desenho, como bem disse Amílcar de Castro, é uma arte que se faz por fora, com linhas de contorno, delimitações de espaços e, a pintura, uma arte que se faz por dentro, com a cor, mas a infinidade de texturas e nuances nestes desenhos me leva a pensar que trabalho por dentro e por fora, quase como pintura. A linha, contudo, é incisiva, invento de trabalhar, às vezes, utilizando dois lápis na mesma mão, assim, evito, de um lado, o contorno definido de certas formas como folhas ou galhos de árvores, do outro, dou primazia ao gesto, à linha autônoma, ao labirinto de traços próprio da gestualidade. A fotografia, neste momento, é fundamental, com sua riqueza de detalhes ela estimula, atíça e possibilita a criação de paisagens articuladas demoradamente. Trabalho muitas vezes com a participação de assistentes, que me ajudam na minuciosa tarefa de criar passagens e finas camadas de texturas, constituídas de pontos, linhas e gestos. Para desenhar as paisagens eu invento paisagens, trabalho com outras mãos e outros olhos. Alunos e ex-alunos acorrem ao meu atelier e fazemos o que chamamos de “tardes desenhadas”. Oriento-os a partir de uma opção gráfica clara, não desenhar folhas, frutas, ramos, mas trabalhar com pontos, linhas e o próprio branco do papel, estabelecendo relações de ritmo, de contraste e de direção. Junto uma imagem fotográfica com outra e crio imagens novas que permitem a colagem, a inserção de textos e outros materiais.

No momento em que organizo os textos deste livro, ao folhear os cadernos e desenhos da viagem, encontro uma página do diário de bordo que resume, em boa parte, meu sentimento da expedição. Transcrevo-a aqui “21 de janeiro de 2012. Sábado. Acordo cedo, vou para bombordo. Ainda está escuro e faz frio. Sozinho, olho a paisagem que se delineia em meio à neblina. A luz do farol do navio deixa ver um vapor d’água que sobe do rio como uma boca que respira em dia frio. A lente da câmara fica embaçada. É uma paisagem de sonhos. Difusa. As formas são apenas sugeridas e de passagem. Não penso em nada, todavia gostaria de pensar. Gostaria de falar da intensidade deste instante, para que ele durasse, para que ele não morresse, para que eu não o esquecesse. Mas não há palavras que o encarnem. Desejo e palavras são mundos tão distantes que tudo o que falamos ou mesmo compreendemos são simples aproximações do fenômeno. Isso me inquieta e também me salva. Os mistérios dos vapores deste rio vão tão longe que sua verdade me esmagaria. O silêncio dessa madrugada talvez seja sua melhor tradução. Penso: logo tudo isso será passado e o que direi disso que vivi? Direi todas as palavras possíveis, mas sempre ficará o não dito. É esta a imagem desta manhã: estou diante do não dito, do que não se pode dizer, do que não direi nunca, do que, no entanto, me faz produzir palavras e imagens.

O sol começa a iluminar por trás da floresta, desenhando uma silhueta escura que se espelha na água. O céu começa a adquirir cores e o que era escuridão se torna forma. Vejo o primeiro azul do dia, aos poucos, surgem o primeiro vermelho e o primeiro verde, eles vão saindo da floresta negra, mostrando-se tão lentamente que não sei dizer nem onde e nem quando começaram. Um ribeirinho sobe por uma escada o barranco do rio, levando às costas um saco. Em cima do barranco, aparecem outros ribeirinhos, que de pé, nos observam e conversam entre si. O navio passa. O que eles vêem? Certamente vêem algo equivalente ao que estou vendo, o outro, o distante, o conhecido e o desconhecido, o que passa. Tento guardar essa imagem, mas ela desaparece, tão logo chega a existir. Então desenho, fotografo, crio imagens que se ligam umas às outras e me dizem algo do existir. Aprendo que, guardar uma imagem é inventá-la.”

Ao embarcar de volta para casa, olho da janela do avião a paisagem amazônica lá embaixo, com um misto de alegria e saudade. O rio Solimões brilha com a luz do sol e se bifurca como os dedos de uma grande mão. É uma visão extraordinariamente bela! Observo até onde a vista pode alcançar e me pergunto, onde estive ali? Sigo os rios até eles se perderem em meio aos diferentes verdes da floresta. E penso, parece-me que nunca estive ali, parece-me que os vejo pela primeira vez e que a floresta continua desconhecida, continua virgem e me convida a retornar.

Fernando Augusto

Texto publicado *in* "A Invenção da Paisagem", Vitória: GSA Gráfica Editora

2014